

HEREDITARIEDADE SOCIAL E EDUCAÇÃO

NOTAS SOBRE O VALOR HUMANO-CRISTÃO DO ENSINO

*Teilhard de Chardin*¹

I. EDUCAÇÃO E VIDA

Aos olhos da Física, uma das características mais extraordinárias da Vida é a sua «aditividade». A vida propaga-se agregando a si mesma sem cessar aquilo que ela adquire sucessivamente, – como uma memória, como há muito se diz. Cada ser transmite ao seguinte o ser que ele recebeu, não somente diversificado, mas *acentuado* numa direcção determinada, segundo a linhagem à qual ele pertence. E todas as linhagens, sejam elas quais forem, parecem, a graus diferentes e cada uma segundo a sua própria fórmula, derivar mais ou menos longe no sentido geral, de mais espontaneidade e consciência. Há qualquer coisa que passa, qualquer coisa que cresce, através da longa cadeia dos seres vivos. Eis o grande facto, ou a grande lei, cuja descoberta veio renovar, há quase dois séculos, a nossa visão do Universo.

A que níveis e por que mecanismos chega esta actividade dirigida dos caracteres a realizar-se no ser vivo?

Uma parte essencial do fenómeno passa-se, forçosamente, no próprio momento da reprodução. Na e pela célula fecundada, proveniente dos progenitores, é necessariamente comunicada ao filho, na sua substância e particularidades essenciais, a onda da vida. A evolução biológica não pode ser, fundamentalmente, senão o efeito da transmissão germinal. E eis por que a ciência da Vida concentra cada mais e mais os seus esforços sobre o estudo da hereditariedade celular.

Ora, aqui, apresenta-se uma dificuldade. Observada ao longo dum período suficientemente longo, parece claro, na nossa opinião, que cada linhagem zoológica se modifica num dado sentido (forma dos membros ou dos dentes, desenvolvimento relativo do cérebro, etc.), de tal maneira que certos caracteres se acha terem aumentado duma ponta à outra da cadeia, dentro do intervalo considerado. Alguma coisa se ganhou no percurso, seguramente. E, no entanto, dir-se-ia que, para esse ganho, nenhum dos elementos da cadeia, tomado em particular, terá contribuído *activamente*. Admitida sem discussão pelo transformismo nos seus primórdios, a transmissão germinal aos filhos dos caracteres *adquiridos* pelos progenitores continua a ser um dos problemas mais asperamente discutidos pela Genética. Não se chega a prová-la duma maneira irrefutável. De tal modo que numerosos biólogos começam simplesmente a negá-la. Tudo se passaria então como se os representantes sucessivos duma mesma linhagem se transmitissem passivamente, sem transformar pela sua actividade

¹ Ensaio redigido em 1938 e publicado na revista *Études*, em abril de 1945, inserido no tomo V das Obras Completas, Seuil, Paris, 1959, p.37-53 (tradução da responsabilidade da AAPTCP).

um germe que evoluísse neles. Sobre este «gérmen», animado inexplicavelmente pelo seu próprio movimento, os corpos (os «soma»), cresceriam dependentes deles dele, mas, no entanto, incapazes de o modificar. Hipótese extremamente inverosímil, cujo inconveniente grave seria de retirar aos indivíduos toda a responsabilidade no desenvolvimento da raça ou do ramo de que fizessem parte.

Para apreender ao vivo, em acto, o mecanismo aditivo da Vida, eu proporia olharmos aqui numa direcção que parece ter sido negligenciada pelos teóricos da hereditariedade. O que se opera no ínfimo da célula não está ainda esclarecido. Voltemos a nossa atenção para um fenómeno mais visível, porque ele está à nossa escala de grandeza. Observemos o que se passa com a *educação*.

A educação. A transmissão pelo exemplo dum aperfeiçoamento, dum gesto, e a sua reprodução por imitação. Por diversos motivos somos curiosamente inclinados a minimizar o significado e alcance desta função nos desenvolvimentos da Vida. A educação, desde logo, é um fenómeno tão comum, apresenta-se-nos sob aparências tão claras, tão humildes, quase vulgares... – porque havemos de procurar aí um mistério? – A educação, ainda, aparece estreitamente ligada à condição humana... – como procurar dar-lhe um valor biológico universal? – A educação, enfim, é um edifício tão superficial, tão frágil, coloca-se nas nossas vidas como um lustro tão accidental, conserva-se e propaga-se a favor de circunstâncias tão precárias e movediças... – como conjeturar compará-la aos determinismos profundos que conferem aos desenvolvimentos da Vida a sua marcha inelutável?

Confusamente apreendidas e admitidas, estas razões ou aparências diversas desviam certamente a nossa atenção do «facto educativo» e, pela sua influência combinada, elas tendem a fazer-nos rejeitá-lo por entre os «epifenómenos» indignos de reter a atenção do naturalista e do físico. E, contudo, não há nenhuma que não possa ser corrigida ou reconduzida a favor da tese precisamente inversa.

A educação é coisa infinitamente banal... – mas, que há de mais comum do que as três dimensões do espaço ou a queda dos corpos ou a propagação da luz ou o crescimento duma planta? E o progresso mais fundamental da ciência não consiste precisamente em descobrir o valor estrutural, orgânico, daquilo que existe de mais geral e mais comum nas nossas experiências?

A educação seria coisa especificamente humana se se tratasse de educação racionalizada, bem entendido! Mas não basta olhar para o mundo dos animais com um espírito mais desperto para a noção de nascença e transformação, para nos apercebermos de que, neste como em todos os outros casos, o «humano» só é possível se contiver, transfigurada à medida do espírito, uma propriedade comum cujos esboços se reconhecem e que nos antecedem no Passado para trás de nós? – O cão, o gato, os pássaros, educam as suas crias por meio de gestos diversos: para a caça, o voo ou para fazerem um ninho. O macaco ainda mais. E como explicar os extraordinários comportamentos do castor ou dos insectos, se a suas formas de agir não são o resultado de experiências, de descobertas,

acumuladas e transmitidas? O fenómeno não se torna aparente aos nossos olhos senão se o animal considerado atingiu um grau suficiente de espontaneidade ou, ainda melhor, se ele vive em sociedade. Mas teremos necessidade de mais para considerar que a educação é, pelo menos virtualmente, uma função biológica universal, coextensiva à totalidade do mundo dos seres vivos?

A educação, estamos tentados a acrescentar, é um mecanismo extrínseco, secundariamente sobreposto à transmissão da vida... Mas Bergson não nos induziu a observar quão arbitrário é o limite colocado pelo senso comum entre a zona dos determinismos «orgânicos» e a zona de «espontaneidade» no decurso da embriogénese? Quando o pintainho quebra a casca do seu ovo, é o gérmen ou o soma que dirige a bicada? Perfeitamente justificada no caso da «ontogénese», a insidiosa questão reaparece, e é mesmo embaraçosa, quando se trata do próprio acto gerador. Em que momento termina a mãe de engendrar a sua cria? Será logo que ela começa a aleitá-lo, a seguir ao parto?... Ou é quando, depois de o ter desmamado, ela lhe ensina a reconhecer e agarrar o alimento? – Na verdade, e ainda que se desenvolvendo sucessivamente sobre dois planos diferentes (o duma operação simplesmente orgânica da mãe e o da sua acção consciente aplicada a um outro consciente) é um e o mesmo processo que se prossegue exteriormente duma ponta à outra da cadeia. Um reveza o outro. E uma coisa é provavelmente capaz de reagir à outra. Mais acima, falávamos dos biólogos que se recusam a admitir a transmissão germinal dos caracteres adquiridos. Mas, terão eles reflectido bem no caso de inúmeros insectos que, morrendo sem ter conhecido os seus progenitores adultos, transmitem, no entanto, os seus comportamentos a uma descendência que eles não verão jamais? Se esses comportamentos, como parece necessário que se suponha, foram um dia descobertos por tateamentos espontâneos, num tempo em que, por uma distribuição diferentes das estações, das vidas ou das metamorfoses, os pais conheciam e treinavam as crias, é porque, na ocorrência, o resultado da educação acabou por penetrar o germe ao ponto de aí formar um caractere tão determinado fisicamente como o tamanho, a cor e as outras determinações hereditárias da espécie ou da raça.

Daí esta conclusão, que me parece legítima. Longe de ser, nos seres vivos, um fenómeno artificial, accidental e acessório, a educação não é nada menos do que uma das formas essenciais e naturais da actividade biológica. Nela, nós apreendemos talvez, na sua franja ainda consciente, a hereditariedade individual germinal em plena formação: como se a mutação orgânica tomasse então a forma duma invenção psíquica feita pelos progenitores, depois transmitida por eles. E nela, é o mínimo que se pode dizer, nós vemos a hereditariedade ultrapassar o indivíduo para entrar na sua fase colectiva e tornar-se social.

Esta maneira de ver tem como primeiro resultado, é evidente, ordenar e unificar singularmente as ideias que nos poderíamos fazer da vida em geral. Mas ela tem uma outra vantagem de que quero especialmente me ocupar aqui: é a de

fazer aparecer a uma luz nova a importância e a dignidade de tudo o que diz respeito à educação da Humanidade.

II. EDUCAÇÃO E HUMANIDADE

No Homem, a Vida atingiu um máximo de escolha inventiva no indivíduo e de socialização na colectividade. Em nenhum outro caso, por esta dupla razão, o fenómeno educação deve tomar, e de facto não toma, maior amplitude, maior clareza e, por conseguinte, merece ser estudado mais cuidadosamente.

Mergulhados desde a nascença no meio educativo humano, não temos geralmente nem a preocupação nem o tempo de reflectir no que ele representa, tanto em si mesmo como em relação a nós. E, no entanto, se fossemos capazes, por um instante, de nos determos a olhá-lo, que assunto de espantar! Façamos mentalmente a seguinte experiência. Tentemos retirar, uma a uma, de nós mesmos, as coisas que temos recebido socialmente. Suprimamos, bem entendido, todos os meios de comunicação (terrestres, aéreos, etéreos) mais recentemente imaginados pela ciência. Mas vamos mais longe, como é preciso. Separemo-nos de toda a indústria, de toda a agricultura. Procuremos esquecer a história. Suponhamos a ausência de linguagem. Aproximemo-nos daquele estado quase inconcebível que seria, face ao Universo, a nossa consciência absolutamente virgem de qualquer influência humana. O que restaria do vivo de nós mesmos depois deste despojamento? É uma roupagem dos nossos corpos ou uma parte da nossa alma que acabamos, em imaginação, de deixar cair? – E, agora, façamos a marcha inversa. Retomemos, uma a uma, as envolventes educativas de que, por ficção, nos tínhamos tentado livrar. Mas, ao revestir-nos delas, tentemos confusamente reviver a sua história. Para tecermos cada uma delas, que colossal tateamento! que multidões a trabalhar! e por quanto tempo!... E poderíamos dizer, ao pensar nos resultados deste esforço: «Tudo isto é bem acessório e bem instável. Não bastaria uma catástrofe para que, desmoronando-se em poeira este edifício secular, o Homem pudesse encontrar-se semelhante a si próprio, tal como ele era quando, sobre a Terra, o pensamento nasceu?» Mas, como não reconhecer, pelo contrário, neste paciente e contínuo desenvolvimento das aquisições humanas, os métodos e, portanto, o sinal da própria Vida, – a Vida *irreversível*, aquela cuja infalibilidade é feita de improvável e constante fragilidade?

Reconheçamo-lo, pois: considerada no seu estado e funcionamento actuais, a Humanidade é organicamente inseparável das aquisições que ela acumulou lentamente e que a educação nela propaga. Este meio aditivo, gradualmente formado e transmitido pela experiência colectiva, não é nada menos, para cada um de nós, que uma espécie de matriz, tão real no seu género como o seio das nossas mães. Ele é uma autêntica memória da raça, pela qual se alimentam e completam as nossas memórias individuais. – Transportada ao domínio particular e singular da espécie humana, a nossa ideia de que a educação

não é um «sub-fenómeno», mas que ela faz parte integrante da hereditariedade biológica, – aquela ideia verifica-se incontestavelmente pela coerência e pelo próprio relevo que ela dá imediatamente a toda a paisagem.

Mas então é preciso darmos mais um passo em frente. A aditividade da vida orgânica, sabemo-lo hoje de ciência segura, é muito mais do que uma simples superposição de caracteres adicionados uns aos outros, como as camadas sucessivas que formam um depósito sedimentar. A vida não faz simplesmente «bola de neve»: ela comporta-se, antes, como uma árvore, cujos círculos se acescentam seguindo um determinado modo de crescimento, duma maneira *dirigida*. Admitir que a educação é um desses factores, ou melhor, uma das formas daquilo que entrevemos e designamos sob o nome geral e um pouco vago de evolução, é, pois, afirmar implicitamente que a soma de conhecimentos e de aperfeiçoamentos fixados e transmitidos por ela, de geração em geração, forma um seguimento natural, cujo sentido pode ser reconhecido.

Vejamos precisamente o que se passa.

Pode parecer-nos, à primeira vista, assaz difícil de distinguir uma ordem qualquer ao vasculharmos experiências, organizações e teorias cuja massa, sempre em crescimento, forma a bagagem da caravana humana. Progresso puramente quantitativo, repetem os cépticos. Mas tomemos distância e observemos o fenómeno no seu conjunto. Então a confusão começa a ordenar-se. Porque, torna-se evidente que, à distância, a acumulação de traços, cuja multiplicidade nos cega, desenha uma figura: a da Humanidade a tomar gradualmente consciência do seu nascimento, da sua história, do seu ambiente natural, dos seus poderes externos e dos segredos da sua alma.

Ouvimo-lo dizer muitas vezes, mas, pensámos nisso ao ponto de experienciar quanto a fórmula é intensa e indefinidamente verdadeira? «O que se passa em cada um de nós logo que, ao crescermos, despertamos para o nosso passado familiar, para as nossas responsabilidades do momento, para as nossas ambições e os nossos amores, não é senão uma breve réplica dum processo muito mais vasto e muito mais lento: aquele que faz passar o *género humano* inteiro do seu período de infância à idade adulta.» Realidade dum crescimento da Humanidade a favor e acima dum crescimento dos homens... Sem dúvida, mantendo-nos nos limites da história escrita, não poderíamos pretender sermos individualmente mais inteligentes do que os nossos pais. E, no entanto, graças aos seus esforços adicionais, é indubitável que compreendemos, melhor do que eles próprios poderiam fazê-lo, as dimensões, as exigências, as possibilidades, as esperanças e, acima de tudo, a profunda unidade do Mundo em nós e ao nosso redor. No decurso da duração, um estado humano de consciência colectiva vai, pois, estabelecendo-se, e cada nova geração de consciências individuais leva mais longe essa herança. Seguramente, suportada pelas pessoas-indivíduos, mas, ao mesmo tempo, abrangendo a sua multitude sucessiva e modelando-a, uma espécie de personalidade humana geral está visivelmente em vias de formação sobre a Terra, através dos tempos. Pois bem, assegurar os desenvolvimentos

contínuos desta, comunicando-a à massa sempre em mudança daquelas, – estender e prolongar, dito doutra maneira, no colectivo, a marcha duma consciência chegada, talvez, aos seus limites, no individual –, tal parece bem ser, no caso do Homem, a função específica da educação; e tal é, por conseguinte, a prova definitiva da sua natureza e do seu valor biológicos, até às coisas do espírito.

III. EDUCAÇÃO E CRISTANDADE

Uma vez que estas páginas são escritas para educadores cristãos, trata-se agora de transportar e transpor as precedentes afirmações nas dimensões do sobrenatural cristão. Como se prosseguem e até que ponto se completam elas neste novo domínio da criação?

O Cristianismo é, por definição e por essência, a religião da Encarnação. Deus unindo-se ao Mundo que Ele cria, para unificar e, de algum modo, para o incorporar em Si. Neste gesto exprime-se, para o adorador de Cristo, a história universal.

Ora, esta gradual conquista e assimilação da Terra pelo Céu, como se opera ela? Quantitativamente, em primeiro lugar, pela agregação ao Corpo Místico duma multidão crescente de almas humanas, «até que o número esteja completo». Mas, qualitativamente também, pelo desenvolvimento no seio da Igreja duma certa perspectiva cristologicamente crescente. Por *tradição* viva duma fé e duma mística, o organismo cristão desenvolve ou explicita em si um sentido sempre mais lúcido do Cristo presente e actuante no acabamento do Mundo. Não podemos continuar a amar Cristo sem o descobrir sempre cada vez mais. Maturação duma consciência colectiva que acompanha o progresso duma expansão numérica: dois aspectos inseparavelmente ligados nos episódios históricos da Encarnação.

Assim se reencontram, do lado cristão, a lei misteriosa da aditividade e da hereditariedade social que comanda em todos os domínios os passos da Vida. E assim reaparece, da mesma penada, neste novo terreno, o papel fundamental da educação tornada instrumento humano da pedagogia divina. Mas assim igualmente se descobre um novo e fascinante espectáculo. Como dizíamos acima, olhado sob o ângulo «natural», o esforço humano tende para uma espécie de personalização colectiva por onde se completa, nos indivíduos, uma certa consciência da Humanidade. Olhado, porém, sob o ângulo «sobrenatural», este mesmo esforço exprime-se e culmina numa espécie de participação na vida divina, onde cada indivíduo encontra, pela sua união consciente a um Pessoal supremo, a consumação da sua própria personalidade. – Poder-se-ia dar que, em dois casos tão semelhantes, se tratasse de coisas inteiramente independentes? ou então, pelo contrário, os dois movimentos colectivos de consciência, um em Cristo, o outro na Humanidade, não seriam senão as duas fases conjugadas e hierarquizadas dum mesmo acontecimento?

Tomado como verdadeiro o segundo membro desta alternativa, i.e., reconhecer que, observados a partir do seu termo divino, os dois movimentos não são senão um só, fixa a atitude do *humanismo cristão*, nas suas linhas essenciais e no seu esplendor.

Para o humanismo cristão, – nisto fiel à mais segura teologia da Incarnação, – não há independência actual nem discordância, mas subordinação coerente entre a génese da Humanidade no mundo e a génese de Cristo, pela sua Igreja, na Humanidade. Inevitavelmente, por estrutura, os dois processos estão ligados, – um (o segundo), reclamando o outro como matéria sobre a qual se coloca para o sobreenimar. Deste ponto de vista, a concentração progressiva, experimental, do pensamento humano numa consciência cada vez mais desperta para os seus destinos unitários, é inteiramente respeitada. Mas, no espaço do vago foco de convergência solicitado como termo para esta evolução, aparece e instala-se a realidade pessoal e definida do Verbo incarnado, em que tudo ganha consistência.

A Vida para o Homem. O Homem para Cristo. Cristo para Deus.

E, para assegurar a continuidade psíquica, em todas as fases, deste vasto desenvolvimento, um só mecanismo operante nas miríades de elementos disseminados pela imensidade dos tempos: a educação.

Todas as linhas se reúnem e se completam e se recurvam. Tudo constitui apenas um.

Donde, com resumo e fechar de contas, a perspectiva seguinte, reveladora do que se dissimula de gravidade, de unidade, mas também de complexidade, sob a tarefa, aparentemente tão humilde, do educador cristão.

- a) Em primeiro lugar, na educação prolonga-se e emerge, sob uma forma reflectida e nas suas dimensões sociais, o trabalho biológico hereditário que faz, desde as origens, emergir o mundo nas zonas de sempre mais elevada consciência. Colaborador imediato da criação, o educador deve plasmar o respeito e o gosto do seu esforço num sentido profundo e comunicativo dos desenvolvimentos já adquiridos ou esperados pela natureza. Cada lição deve amar e fazer amar o que há de mais invencível e mais definitivo nas conquistas da Vida.
- b) Pela educação, de seguida, prossegue, graças à difusão progressiva de perspectivas e atitudes comuns, a lenta convergência dos espíritos e dos corações, fora da qual não parece haver saída diante de nós, à nossa frente, para os movimentos da Vida. O educador, directamente encarregado de assegurar esta unanimidade humana, tenha ele de falar de literatura, história, ciência ou filosofia, deve constantemente vivê-la e prosseguir conscientemente a sua realização. Uma vez apaixonado pela objectividade e pela grandeza das esperanças humanas, deve tornar-se a chama contagiante dos seus ensinamentos.
- c) Por meio da educação opera-se, enfim, directa e indirectamente, a incorporação progressiva do Mundo no Verbo incarnado.

Indirectamente, na medida em que se prepara, numa Humanidade mais reflectida sobre si mesma, o sujeito desta alta transformação. Directamente, na medida em que a corrente de graça, historicamente lançada por Cristo Jesus, só se propaga se assumida por uma tradição viva. Ora, se o educador quer transmitir, com plena eficácia, uma e outra destas duas influências, a humanizante e a divinizante, ele deve estar como que sujeito à evidência da ligação inseparável e estrutural entre elas. Ter vivido e compreendido, para fazer viver e compreender, que todo o enriquecimento humano, qualquer que seja, não passa de poeira, a menos que se converta na mais preciosa, na mais incorruptível das coisas ao agregar-se a um centro de amor imortal: essa é a ciência suprema e a lição última do educador cristão.

Nestas três proposições encadeadas, completa-se um edifício cuja perfeita ordem revela a verdade.

Na terra, à hora presente, a educação humana estende a sua rede com um método e uma amplidão de meios de expressão e difusão espantosos: quantas bibliotecas, revistas, escolas, universidades, quantos laboratórios, – quantos alunos!... No meio deste glorioso conjunto, proporcionado na nova idade do mundo à qual acedemos, é notável constatar que, fora do cristianismo, nenhuma instituição parece capaz de dar uma alma verdadeira ao imenso corpo das coisas ensinadas. O mestre cristão, porque lhe está, de facto, reservado poder apresentar, ao esforço e aos enriquecimentos humanos, esperanças e um termo absolutos, é o único em condições de executar, tanto na consciência que ele aí põe como na que transmite, o gesto educador total.